



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
COLÉGIO DE GEOGRAFIA**

JANETE DA SILVA ARARUNA

**A DESIGUALDADE SOCIAL E SUA INFLUÊNCIA DIRETA
NO FRACASSO ESCOLAR**

JACOBINA

2014

JANETE DA SILVA ARARUNA

**A DESIGUALDADE SOCIAL E A SUA INFLUÊNCIA DIRETA
NO FRACASSO ESCOLAR**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito para avaliação na disciplina TCC II, aprovada pela Banca Examinadora formada pelos professores:

Profª M^{sc} Ivané de Silva Santos
Orientadora

Profª Dra. Eliã S. Méia Martins dos Santos Amorim
UNEB

Prof M^{sc} Fábio Nunes de Jesus
UNEB

Jacobi na, _____ de _____ de 2014.

A DESIGUALDADE SOCIAL E A SUA INFLUÊNCIA DIRETA NO FRACASSO ESCOLAR

RESUMO: O presente trabalho tem por intuito analisar a relação entre desigualdade social e os fatores que provocam o fracasso escolar. A metodologia que norteia o desenvolvimento desta pesquisa é bibliográfica de cunho qualitativo, a partir do conceito de que o capitalismo, por sua própria natureza, concentra a riqueza e, inevitavelmente, produz muita pobreza ao seu redor e dentre as consequências geradas está um sistema excludente reproduzindo-se na baixa qualidade da educação, oferecida às classes populares ao sistema de ensino. A escola hoje, mais do que nunca, tem como objetivo diante da sociedade, desenvolver ações para a efetivação dos direitos sociais. Neste sentido, o setor educacional tem o papel de possibilitar e de oferecer alternativas para que as pessoas que estejam excluídas do sistema possam ter oportunidade de se reintegrar através da participação de direitos sociais, do resgate da cidadania e de uma vida mais digna, e caso não haja investimento adequado na educação, tais desigualdades sociais continuam no ciclo vicioso das reproduções.

Palavras-chave: Desigualdade Social. Escola Pública. Fracasso Escolar.

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho tem por intuito discutir sobre o tema a desigualdade social e a sua influência direta no fracasso escolar.

“Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. Essa afirmação é de Paulo Freire, do livro Educação e Mudança (1983, p. 27).

Assim levando em consideração a concepção do autor, entende-se que o homem é um ser inacabado, que vive constantemente em busca de ser mais, pois o homem não sabe de maneira absoluta e o saber vem através de uma

busca constante. Sem dúvida é através da educação que o homem pode começar a mudar o mundo.

FREIRE (1983, p. 35) afirma que a sociedade alienada não tem consciência do seu próprio existir. Um profissional alienado é um ser inautêntico. Seu pensar não estar comprometido consigo mesmo.

Dessa maneira, o ser alienado vive na visão do outro, não vive em um mundo autêntico, não luta nem mesmo pelos seus próprios direitos, acomoda-se com as condições que lhe é oferecida. É necessário sermos-nos mesmos.

Ainda no pensamento de Freire (1983, p. 37) as massas descobrem na educação um canal para um novo status e começam a exigir mais escolas. Começam a ter uma consciência que não tinham.

É evidente que as massas querem participar e ter voz ativa na sociedade e percebem que outras classes têm mais prioridade em determinados assuntos, para iniciar uma luta em prol dos seus direitos é necessário que as massas participem do poder.

Segundo a autora Bossa (2002, p. 19)

Vivemos em um país que a distribuição de conhecimento como fonte de poder social é feita privilegiando alguns e discriminando outros. Precisamos buscar soluções para que a escola seja eficaz no sentido de promover o conhecimento e, assim, vencer problemas cruciais e crônicos do nosso sistema educacional: Evasão escolar, aumento crescente de alunos com problemas de aprendizagem, formação precaríssima dos que conseguem concluir o ensino fundamental, desinteresse geral pelo trabalho escolar.

Levando em consideração a citação acima, ainda se pode observar na realidade atual do nosso país que apenas uma parte é privilegiada (a elite), já as classes populares (as massas) são discriminadas por diversos motivos. Os representantes do nosso país juntamente com as escolas precisam desenvolver soluções e estratégias e práticas em caráter de curto prazo, para que a sociedade em geral possa contemplar os resultados de forma eficaz no processo de aprendizagem do aluno.

O problema está na mudança da escola ou na mudança da sociedade?

Diante disto, o presente estudo tem como objetivo responder:

A desigualdade social produz fracasso escolar? De que forma a escola pode contribuir para a redução desta desigualdade de forma a conquistar os objetivos educacionais?

O Brasil já passou a Itália e em termos de produção de riquezas, medida pelo PIB, entretanto, o PIB *per capita* (a divisão da renda do PIB por pessoa) da Itália é muito maior que o do Brasil, revelando como a distribuição de renda em nosso país é injusta e perversa (IBGE, 2011).

Diante do exposto, percebe-se que a desigualdade social é um problema das sociedades capitalistas que influencia diretamente a qualidade do ensino público das camadas populares da população. O capitalismo, por sua própria natureza, concentra a riqueza e, produz muita pobreza, constituindo um sistema excludente que termina sendo reproduzido na baixa qualidade da educação oferecida às classes populares ao sistema de ensino, interferindo diretamente e decisivamente no futuro de muitas crianças e jovens.

Como objetivos específicos:

- Conceituar desigualdade social;
- Verificar os fatores que causam a desigualdade social;
- Verificar a relação entre fracasso escolar e desigualdade social;
- Analisar de que forma a escola pode combater o fracasso escolar, oriundo da desigualdade social.

A metodologia que norteia o desenvolvimento desta pesquisa é bibliográfica de cunho qualitativo, visando como resultado caracterizar a desigualdade social com influência direta no fracasso escolar.

Segundo Minayo (1995, p. 21 e 22): “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares”. Ela se preocupa, nas condições sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para Gil (1985), uma pesquisa pode ser definida como um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, de forma a se descobrirem respostas para problemas por meio de uso de procedimentos científicos.

O caráter da pesquisa qualitativa usada nesse estudo é essencialmente exploratório. Esse perfil de pesquisa foi escolhido devido à flexibilidade, criatividade e informalidade que ele permite ao pesquisador que busca um maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa.

Para Marconi e Lakatos (2008, p. 43):

A pesquisa bibliográfica ou de fontes secundárias, trata de levantamento de algumas das bibliografias mais estudadas em forma de livros, revistas, publicações avulsas. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com que já foi escrito sobre determinado assunto, com objetivo de permitir ao cientista poder analisar ou manipular suas informações com outras bibliografias já publicadas.

Portanto, foram utilizados livros, textos e artigos pesquisados em sites específicos e acadêmicos.

Diante da realidade evidenciada, percebemos a importância dessa pesquisa monográfica, na medida em que se compreende a importância da escola, pelo menos em dois aspectos: a escola como instituição precária de educação para a população, devido à lógica de concentração de riqueza material e espiritual (educação e cultura) imposta pelo modo capitalista de organização social brasileira e, segundo, a escola como espaço de elaboração de contra-hegemonia à lógica que preside o capitalismo.

1. Exclução e Marginalização Social

“Devemos compreender de modo dialético a relação entre a educação sistemática e a mudança social, a transformação política da sociedade. Os problemas da escola estão profundamente enraizados nas condições globais da sociedade”

Paulo Freire, 1987

Para Wanderley (2007), a situação de exclusão social no Brasil pode ser explicada a partir da nossa história, pois a matriz escravista fazendo parte de nosso passado marca nosso presente, com heranças como a desigualdade social, econômica e política.

Dessa forma, a discriminação não é só econômica, mas também social, cultural, política e étnica. No Brasil, todo esse preconceito é em decorrência da desigualdade que teve início desde a escravidão.

O autor Melhem Adas (1983, p. 76) afirma que as transformações capitalistas ocorridas ao longo das últimas décadas não melhoraram as condições de vida da grande parcela da população brasileira, ao contrário agravaram nas.

Assim, considerando a citação acima é viável enfatizar que a desigualdade social faz parte do processo histórico brasileiro, a sociedade capitalista exclui o sujeito que está em situação de pobreza e continua o mesmo processo injusto e desigual, enriquecendo cada vez mais aqueles que estão na frente, no comando e no poder.

Na concepção de Adas:

Para agravar ainda mais a frágil democracia, ou democracia de meia-confecção, ao lado do sofrimento e da desesperança da maioria dos brasileiros grassam a corrupção, a impiedade, o desrespeito ao trabalho, a valorização da malandragem e do leva-vantagem, os interesses dos grupos, a indiferença ao sofrimento, as privações... Todas essas "virtudes" fecundam fartamente na sociedade brasileira e são alimentadas pela exploração da miséria da maioria do povo.

Vivemos em uma democracia e, portanto, acreditamos em uma situação satisfatória para todos que lutam por uma vida melhor, a pobreza deve ser enfrentada por objetivos e ações que solucionem as causas desse problema. O indivíduo precisa lutar para alcançar sua autonomia para planejar a nossa sociedade e diminuir os fatores da desigualdade social.

Sem (2002) define a pobreza como privação de capacidades, destacando que esta deve ser vista como privação das liberdades substanciais e não somente como baixo nível de renda. O que não indica que uma das principais causas da pobreza não seja a renda baixa, mas que existem outras causas da privação das capacidades de uma pessoa.

E assim, uma renda insuficiente gera uma vida pobre ocasionando as desigualdades sociais. A renda é apenas um instrumento para o aumento das capacidades básicas, ou seja, um meio e não um fim.

O bem estar social é almejado pelos mais diferentes grupos sociais, mas, para torná-lo realidade é necessária uma luta incessante em busca dos

direitos iguais e da cidadania. Entende-se a cidadania como “um conjunto de direitos civis, políticos e sociais que todos os homens têm que conquistar para viver em sociedade”. (SEN, 2002, p. 117). Esses direitos vêm sendo conquistados pelo homem no decorrer dos anos.

Dessa forma, um fator muito importante na diminuição das desigualdades é o acesso à informação, ou seja, como acesso à informação, o indivíduo tem maior influência na liberdade de expressão.

Marx (2006) considerou as desigualdades sociais como produto de um conjunto de relações pautadas na propriedade como um fato jurídico, e também político. O poder de dominação é que da origem a essas desigualdades.

Para o autor, a riqueza e o lucro, não são divididos para todos, somente a miséria. Para a grande maioria esta é a pobreza e a marginalização social. E a desigualdade social continuará enquanto existir desigualdades de recursos e oportunidades para a grande maioria.

Nesse sentido, a partir dos pressupostos aqui apresentados, o Brasil é um país de grandes desigualdades sociais. A distribuição de renda é desigual, sendo que uma pequena parcela da sociedade é muito rica, enquanto grande parte da população vive na pobreza e miséria. Sendo assim, a geografia é um instrumento indispensável para o cidadão para que o mesmo esteja integrado criticamente na sociedade e participando ativamente de suas transformações.

Conforme Bossa (2002, p. 19):

No Brasil, a escola torna-se cada vez mais o palco de fracasso e de formação precária, impedindo os jovens de se apossarem da herança cultural, dos conhecimentos acumulados pela humanidade e, conseqüentemente, de compreenderem melhor o mundo que os rodeia. A escola que deveria formar jovens capazes de analisar criticamente a realidade, a fim de perceber como agir no sentido de transformá-la e, ao mesmo tempo, preservar as conquistas sociais, contribui para perpetuar injustiças sociais que sempre fizeram parte da história do povo brasileiro. É curioso observar como os educadores, sentindo-se oprimidos pelo sistema, acabam por reproduzir essa opressão na relação com os alunos.

Em face disto, por meio da educação, espera-se que o homem possa ser completamente livre, ou seja, de ser capaz de fazer suas próprias escolhas,

seguir seu próprio caminho e, conscientemente, agindo por sua vontade, acenando para a possibilidade de lutar por uma sociedade democrática, uma sociedade diferente daquela atrelada ao modo de produção capitalista

2. Desigualdades Sociais e Fracasso Escolar

Para Patto (1999) é possível perceber que o Fracasso Escolar persiste ao longo da história da escola pública brasileira e parece estar imune às ações já desenvolvidas na tentativa de sua superação.

Diante dessa situação que tanto tem preocupado os educadores comprometidos com uma educação progressista, buscamos fundamentos teóricos que pudessem contribuir para a compreensão dessa problemática, objetivando analisar, junto aos educadores da instituição escolar, as concepções na prática docente no que se refere à compreensão sobre o fracasso escolar e seus determinantes.

Arroyo (2004), afirma que:

As condutas dos alunos põem em entredito nossos poderes e saberes, nossas autômagens doentes. E de maneira radical. Na raiz. Há motivos para perplexidades. Na nova relação com os alunos fica instalada uma nova relação com nós mesmos. Aprendemos e nos aprendemos. As tensões e medos são legítimos. Tensões que partem do choque com as condutas dos alunos, mas que tocam nas raízes mais fundas de nossa docência (ARROYO, 2004, p.37).

Assim, durante a formação do docente, na maioria das vezes ele não toma contato com o contexto real das escolas, apenas com imagens idealizadas, sem o real entendimento do cotidiano escolar. É necessário aproximar-se do contexto do trabalho dos professores para compreender os dilemas que rodeiam a profissão. E assim, essa é a realidade de muitos profissionais da educação brasileira

Em Imagens Quebradas, Arroyo (2004), ao falar de “educandos, sujeitos de direitos”, problematiza a imagem que temos dos alunos da escola pública. A imagem de “aluno carente” expressa nas falas de professores e, portanto, na organização do trabalho pedagógico. O autor cita que:

A condição de sobreviventes, de carentes é tão marcante na visão que temos da infância e adolescência popular que essa imagem com que convivemos nas escolas públicas nos impede de reconhecê-las como sujeitos humanos sociais, culturais, em formação. A palavra carente tão usada no discurso pedagógico, escolar é reveladora de que só conseguimos ver os alunos populares pela carência, pelo avesso. Uma visão negativa que condiona uma pedagogia negativa no sentido de negar-lhes seu direito à educação em nome de torná-los menos carentes”. (ARROYO 2004, p. 78)

Entretanto, a escola também faz parte da sociedade, cabe a ela perceber essas crianças, adolescentes e jovens não apenas como alunos, mas principalmente como “seres humanos”, possuidores de histórias, de expectativas, ansiosos, sonhos e desejos. A instituição deve ajudá-los preparando-os para o futuro na conquista da liberdade que aos poucos pode ser mantida na sociedade.

Sobre isto, Arroyo (2004) afirma que “se os professores exigem que os alunos respeitem a imagem dos mestres, estes também terão de começar rever a imagem que se fazem dos alunos educados” (p. 36).

Nesta perspectiva é necessário que a escola se organize para que exista harmonia na relação entre professor e aluno. Portanto, é chegada à hora dos professores mudarem seus conceitos.

Ainda conforme Arroyo (2004):

O que pode ser um pretexto para estreitar os horizontes do direito à educação e do campo da docência está sendo para tantos docentes mais um motivo para alargar seus horizontes profissionais e entender seriedade e a complexidade, os paradoxos da universalização da educação como direito (p. 79).

Diante da citação acima, fica evidente o contexto da exclusão escolar “a culpa” pelo fracasso escolar e pela baixa escolaridade; outros reconhecem as deficiências nas políticas públicas de educação. Assim, a escola passa a ser um requisito central na prática educativa daqueles que trabalham com a respectiva modalidade de educação.

Segundo Brandão (2003), todos os seres são alvo de um processo educativo

Os pássaros, por exemplo, desde cedo expulsam seus filhotes do ninho, fazendo com que experientem o processo de aprendizagem do voo, e este exercício é fundamental para a continuidade da vida. (BRANDÃO 2003, p.11).

Diante do exposto, entende-se que o sujeito não é diferente. No nosso cotidiano vivenciamos várias experiências de aprendizagem e a educação está atrelada a nossa vida.

Percebe-se através da concepção do autor que a situação atual é sem dúvida, definida pelo reflexo dos processos sociais de exclusão com o aumento das desigualdades afetando a educação.

Patto (1999), em estudo a respeito do surgimento do fracasso escolar, descreve o contexto político e social no qual o mesmo se desenvolveu. Nesse contexto observam-se os ideais de uma classe social em ascensão, cujas bases se formavam na busca de uma sociedade, onde todos tivessem os mesmos direitos e todos os bens pudessem ser disponíveis a toda nação.

Uma vez que a burguesia se estabeleceu, e com ela sua visão de mundo e de sociedade, observa-se a polarização entre esta e os demais trabalhadores.

Arroyo (1997, p. 15) afirma que o fracasso escolar está legitimado e que as condições socioculturais das famílias e dos alunos exerciam maior influência no desempenho escolar do aluno do que os recursos educacionais. “A cultura do fracasso se reforçada, e a legitimação do caráter excludente da escola e de sua cultura se inocentada. A escola passava a ser vítima do contexto e do tipo de aluno que recebia”.

Para Bossa (2002, P. 18) a escola que surge com o objetivo de promover melhoria nas condições de vida da sociedade moderna acaba por produzir na contemporaneidade a marginalização o insucesso de milhares de jovens.

Destafórma, a escola deseja proporcionar melhores condições de vida, (através da educação) para crianças e jovens, porém não tendo estruturas adequadas para condicionar e praticar seu plano de ação, acaba por excluir a sua clientela.

No pensamento de Bossa (2002, p. 26) afirma que o fracasso escolar visto como um sistema social da contemporaneidade transcende as instituições particulares no seio das quais foi estruturada a singularidade do sujeito psíquico e leva-nos a perguntar pela lógica inconsciente de nossa época, subjacente e fundante de um modo de ser que atravessa a História, todo o tecido social e todas as instituições.

Segunda a autora citada, a escola que se deseja em uma instituição que deve formar crianças e jovens capazes de enfrentar a realidade que os rodeia, de forma objetiva e crítica e saber lidar com as desigualdades sociais que sempre fizeram parte da história do nosso país.

Bossa (2002, p. 29) expressa a ideia de que:

As escolas deverão reconhecer que as aprendizagens são constituídas pela interação dos processos de conhecimento com os de linguagem e os afetivos, em consequência das relações entre as distintas identidades dos vários participantes do contexto escolarizado: as diversas experiências de vida dos alunos, professores e demais participantes do ambiente escolar, expressa através de múltiplas formas de diálogo, devem contribuir para a constituição de identidades afirmativas persistentes e capazes de protagonizar ações autônomas e solidárias em relação a conhecimentos e valores indispensáveis à vida cidadã.

Portanto, a escola, instituição que poderia contribuir para elevar as condições de vida da sociedade, muitas vezes acaba por produzir a marginalização e o insucesso de milhares de crianças e adolescentes, ocasionando o fracasso escolar.

E por fim, nos últimos anos, temos acompanhado nas ciências humanas uma tentativa de mudança da postura epistemológica. O paradigma emergente funda-se na superação de distinções dicotômicas, tais como natureza/cultura, coletivo/individual, subjetivo/objetivo, teoria/prática (BOSSA, 2002 P. 63).

Destemodo, entende-se que a experiência e a prática é fundamental na produção de conhecimento do aluno, porém é de suma importância trabalhar em conjunto escola, família, sociedade e aluno um depende do outro para existir e ter progressos significativos.

3. A Escola Frente ao Fracasso Escolar

Segundo Pablo Gentilli (1995, p.11), a maneira que a escola trata a pobreza constitui uma avaliação importante do êxito de um sistema educacional. Dessa forma, crianças vindas de famílias pobres são em geral, as que têm menos êxito na escola, são as menos capazes de fazer valer suas reivindicações ou de inserir para que suas necessidades sejam satisfeitas, mas são por outro lado, as que mais dependem da escola para obter sua educação.

Ainda no pensamento de Gentilli (1995, p.15), o fracasso de acesso igualitário foi transferido das instituições para as famílias a quem elas serviriam. Famílias e crianças transformaram-se em portadores de um déficit para o qual as instituições deveriam oferecer uma compensação. Esta manobra protegeu as crenças convencionais sobre educação; de fato, uma onda de otimismo sobre o poder da escola e sobre a intervenção na primeira infância acompanhou o nascimento da educação compensatória.

Arroyo (1997 p. 15) afirma que o fracasso escolar está avaliado e que as condições socioculturais das famílias e dos alunos exerciam maior influência no desempenho escolar do aluno. “A cultura do fracasso saiu reforçada, e a legitimação do caráter excludente da escola e de sua cultura saiu inocentada. A escola passava a ser vítima do contexto e do tipo de aluno que recebia”.

Partindo desse pressuposto, a desigualdade social permite que muitos indivíduos não tenham condições de estudar, pois se tratam de famílias numerosas e com renda muito baixa, família destruídas e essa história já vem se arrastando por muito e muito tempo, não só no Brasil, mas em outras partes do mundo também prejudicando o futuro de muitos jovens.

Paulo Freire (2000) entende a escola não apenas como um espaço de produção de conhecimento, mas, também de transformação social.

E assim na concepção do autor é necessário acreditar nas utopias, na transformação, numa sociedade mais justa e igualitária. A escola que trabalha em prol da criança e do adolescente, transformar os mesmos em homens e mulheres racionais e assim o papel da escola deve ir além de ensinar um conteúdo.

Freire (1983, p. 23), “Atualmente em nosso país a semelhança de uma sombra que a ameaça permanentemente o compromisso verdadeiro”. O autor se refere a

uma sociedade alienada, essas sociedades não são elas próprias, não são autônticas e passam a ser vítimas de um contexto social.

Segundo o autor Silva (1999), “Teoria é uma representação, uma imagem, um reflexo, um signo de uma realidade que cronologicamente, ontologicamente a precede.” Dessa forma entendemos a teoria como uma verdade que está atrelada a uma teoria que tem várias dimensões.

Como afirma o autor Silva (1999), as teorias tradicionais pretendem ser apenas “teorias” neutras, científicas, desinteressadas, concentrando-se em questões técnicas e de organização.

Portanto, percebemos que as teorias críticas desejam trazer as relações sociais e sua respectiva discussão para o dia a dia da sala de aula contribuindo na formação crítica do aluno.

E por fim ainda no pensamento do autor, Silva (1999, p. 16) “Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder.” Desse modo, do ponto de vista das teorias críticas e pós-críticas nenhuma teoria é neutra ou seja, sempre é científica ou desinteressada, tem sempre uma forma educacional à serviço das relações de poder que lhes rodeiam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todas as concepções e abordagens que se decorreram ao longo desse artigo, é válido apontar que a desigualdade social tem influência no fracasso escolar implicando no aprendizado do aluno proveniente de classes populares. O fracasso escolar não se dá no meio das crianças provenientes das elites, mas sim daquelas de origem pobre da população.

É necessário que a escola e a sociedade se organizem para que exista igualdade e liberdade de expressão na família escolar, é por meio dela que o aluno aprende e se compromete com valores sociais para a vida cotidiana.

Todavia, um dos maiores desafios apresentados à escola atual é trabalhar com a reelaboração crítica e reflexiva do educando, a fim de prepará-lo para a luta e o enfrentamento das desigualdades sociais presentes na sociedade capitalista.

E por fim, o bem estar social é alcançado pelos mais diferentes grupos sociais, ou seja, alcançado por todo indivíduo, mas, para torná-lo realidade é necessária uma luta incessante em busca dos direitos iguais. Torna-se necessário e urgente que o homem e a mulher lance sua autonomia e liberdade através da minimização das desigualdades sociais e da garantia do acesso aos bens necessários para seu desenvolvimento e o seu bem estar, com o objetivo de pensar e planejar a nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ADAS, Melhem. 1983. **A Fome Ori se ou Escândalo**. São Paulo: Moderna, 1988.

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas- trajetórias e tempos de al unos e mestres**. Petrópolis, 2004. (4ª. edição)

BOSSA, Nadia. **A Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico**. Art med, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28ª ed., 1993.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Madir Gadotti e Liliam Lopes Martini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Mudança, v. 1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários a prática educativa**. 27ª, São Paulo: Editora paz e terra, 1996.

GENTILI, Paulo. **Pedagogia da exclusão crítica ao neoliberalismo e m educação**. 10ª edição, Petrópolis, RJ, editora vozes, 1995.

GLAUCO, **Como elaborar projeto de pesquisa -5. Ed.** – São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em [http:// WWWi bge. gov. br](http://WWW.ibge.gov.br). Acesso em 20 de out. 2012.

LAKATOS, Eva Maria; Marconi, Mariana de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4. Ed. São Paulo: Atlas. 2008.

MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital e Salário Preço e Lucro**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

M NAYO M C S (organizadora) – **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade** - Petrópolis: Vozes, 1995.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de submissão e rebelião**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WANDERLEY, M B. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.